

● ELEIÇÕES REGIONAIS 2023

“Terão de nos enfrentar com toda a nossa força”

CHEGA-MADEIRA É A QUARTA FORÇA POLÍTICA NA ALM. CONQUISTOU 12.028 VOTOS

TÂNIA COVA
tcova@dnnoticias.pt

O CHEGA-Madeira é a quarta força política na Assembleia Legislativa da Madeira. São agora quatro os deputados (Miguel Castro, Magna Costa, Celestino Sebastião, Maíza Fernandes) deste partido com assento parlamentar, quando em 2019, quando se apresentou pela primeira vez a umas eleições legislativas regionais, não foi além dos 0,43%, o que correspondeu a 619 votos. Ontem os números foram bem mais expressivos. Foram 12.028 os madeirenses e os porto-santenses que disseram sim ao projecto político do CHEGA.

“Fizemos história na política da Madeira”, disse, em Lisboa, André Ventura, líder do partido a nível nacional, mal foram dadas a conhecer as primeiras projecções, à boca das urnas, que apontavam para a eleição de três a cinco deputados. Ventura que foi presença assídua durante a campanha eleitoral do CHEGA ouviu, momentos depois, em declarações à comunicação social, Mi-



Miguel Castro garantiu que vão para o parlamento “ser a voz dos que não têm voz”.
FOTOS MIGUEL ESPADA/ASPRESS

guel Castro, líder do partido na Madeira e cabeça-de-lista às Regionais 2023, dizer que “tomará que todos os partidos políticos tivessem um líder tão carismático”. Elogios extensivos, já no discurso final, ao apoio recebido por parte de todas as estruturas, não

ELEIÇÕES REGIONAIS 2023

CAMPANHA

“Montagem fotográfica” gerou burburinho

O líder do CHEGA na Madeira assumiu ter partilhado, “num grupo privado”, um conteúdo em que o ex-presidente do Governo Regional, Alberto João Jardim, era associado ao partido e inclusive pedia o voto no CHEGA ao invés de no PSD. Publicação que circulou nas redes sociais e mereceu um desmentido do ex-presidente. Ao DIÁRIO, durante a tarde, o dirigente do CHEGA lamentou que o processo eleitoral fosse marcado por ‘fait-divers’ desta natureza e sugeriu que fosse investigada a

origem da publicação, dizendo estar tranquilo quanto a esse assunto. “Quem sabe se aquilo não foi criado por alguém do PSD?”. Já o ex-presidente do Governo Regional, através de um comunicado de imprensa, disse estar “profundamente indignado com a recente montagem fotográfica que me associa ao acto eleitoral na Madeira, que está a ser divulgada nas redes sociais”, dizendo que tal “prática enganosa prejudica a integridade do debate político e mina a confiança dos cidadãos”.

apenas da nacional, de Norte a Sul, mas também da estrutura dos Açores.

Mas voltando ao cenário político, num parlamento agora composto por nove forças políticas, o recém-eleito deputado não poupou críticas ao PSD e ao seu parceiro de coligação CDS. As baterias foram especialmente apontadas a Miguel Albuquerque, a quem acusou de “fazer chantagem” com o eleitorado quando disse que se demitia se não obtivesse uma maioria absoluta.

Demissão essa que foi reivindicada, até por “bom senso”, primeiro por Ventura, em directo nas televisões nacionais, e após conversa telefónica com Miguel Castro, para alinharem na premissa de que uma coligação estava colocada de parte.

Aliás, antes, ainda se contavam

votos, e apenas um nome, o de Miguel Castro, era dado como certo à Assembleia da Madeira, já o dirigente regional do CHEGA explicava: “Não há casamento quando um dos noivos não quer essa união (...). Nós sempre dissemos que não queríamos, e agora há a certeza de que nem um nem outro quer”, numa alusão às declarações de um porta-voz do PSD, que reagia às primeiras projecções e recusava coligar com o CHEGA.

No seu discurso, perante uma entusiasta plateia de colegas deputados, militantes e simpatizantes, o dirigente regional lembrou que a “campanha vergonhosa” que foi movida contra o CHEGA, e que só teve o seu fim vinte dias antes deste acto eleitoral, demonstrou “bem o incómodo e o receio que certas forças ditas democráticas” sentiam em relação ao partido. “O resultado hoje [ontem] obtido confirma que os seus esforços fracassaram e que terão de nos enfrentar com toda a nossa força no parlamento da Madeira”, afirmou.

Lembrou o passado, como mostra da resiliência do partido, mas

foi no futuro que focou as atenções e para o qual vai, a partir de hoje, delinear uma estratégia. “Estamos conscientes das expectativas que sobre nós recaem. Em nada fugimos delas. Vamos para o parlamento ser a voz dos que não têm voz”, afirmou Castro, garantindo que nos próximos dias vão “definir a estratégia política para os tempos que se aproximam” e “preparar a equipa forte com que iremos levar a cabo a missão parlamentar que nos foi incumbida”.

E porque o CHEGA deixou de ser “mais um partido externo” para ser “um partido parlamentar – com tudo o que isso exige. Que saibamos estar à altura desta missão, fazendo tudo ao nosso alcance para dar passos conscientes e correctos na defesa do cidadão comum, que hoje olha para nós”, desafiou Miguel Castro, num discurso firme onde não foram esquecidos os elementos do CHEGA-Madeira e as suas famílias “que se sacrificaram no seu tempo e na sua organização para que os nossos guerreiros pudessem travar, com coragem, esta luta, que hoje [ontem] temos por vitoriosa”.

